



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS**  
**PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**GEYCE LORYN OLIVEIRA DE QUEIRÓZ**

**A ALTERIDADE COMO CRITÉRIO PARA CUIDAR E EDUCAR NO ENSINO**  
**FUNDAMENTAL.**

**João Pessoa – PB**

**2014**

**GEYCE LORYN OLIVEIRA DE QUEIRÓZ**

**A ALTERIDADE COMO CRITÉRIO PARA CUIDAR E EDUCAR NO ENSINO  
FUNDAMENTAL.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

**Prof.<sup>a</sup> Dra. SORAIA CARVALHO DE SOUZA – CCEA – UEPB**

**Orientadora**

**João Pessoa – PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Q385a Queiróz, Geyce Loryn Oliveira de  
A Alteridade como critério para cuidar e educar no ensino fundamental. [manuscrito] / Geyce Loryn Oliveira de Queiróz. - 2014.  
55 p. : il. color.  
Digitado.  
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.  
"Orientação: Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>.Soraia Carvalho de Souza, Ciências Exatas e Sociais Aplicadas".

1. Alteridade. 2. Cuidar e Educar. 3. Ambiente acolhedor. I.  
Título.

21. ed. CDD 371.3

# **A ALTERIDADE COMO CRITÉRIO PARA CUIDAR E EDUCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**GEYCE LORYN OLIVEIRA DE QUEIRÓZ**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Especialista.

**Monografia submetida e aprovada em 22 / 11 / 2014 pela banca examinadora:**



---

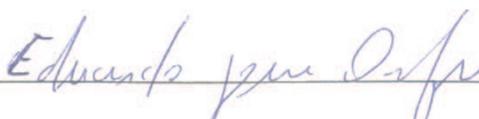
**Professora Dra. Soraia Carvalho de Souza - UEPB  
Orientadora**



---

**Professor Dr. Carlos Nunes Guimarães - UEPB**

**Avaliador 1**



---

**Professor Dr. Eduardo Gomes Onofre - UEPB**

**Avaliador 2**

**João Pessoa – PB**

**2014**

## ***Dedicatória***

*Dedico essa pesquisa a todos e todas que, assim como eu, acreditam e desejam um mundo melhor onde possamos viver juntos e em harmonia como irmãos, sob a égide da alteridade.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Uma vez que uma pesquisa não se realiza sem a colaboração de várias pessoas, é importante agradecer aquelas que mais se destacam:*

*Agradeço primeiramente a Deus que é meu guia, meu mentor, meu caminho, que me deu a vida, saúde e inspiração para minha jornada.*

*Aos meus pais, Maria do Socorro de Oliveira Queiróz e José Gutemberg Gomes de Queiróz, por todo amor e dedicação que empenharam na minha educação que em muito contribuiu para as reflexões desse trabalho.*

*Aos meus irmãos, Gleyce Kelly O. de Queiróz e Gleydson O. de Queiróz, por todo carinho e companheirismo.*

*Sou especialmente grata ao meu namorado e melhor amigo, Bruno Rodrigues, por todo apoio e incentivo durante todo o curso, agradeço também por seu auxílio durante a presente pesquisa sempre me contemplando com boas ideias e críticas construtivas.*

*Agradeço a toda minha família pelo carinho.*

*A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Soraia Carvalho, pela paciência, atenção e responsabilidade ética, agradeço também pelas contribuições valiosas durante a orientação que tornaram essa pesquisa mais sólida.*

*Sou grata também por todos os bons professores que fizeram parte da minha formação e que serviram de inspiração para essa pesquisa.*

*Enfim, agradeço a todos que auxiliaram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.*

*Obrigada a todos,*

**Geyce Loryn Oliveira de Queiróz.**

*“Ou aprendemos a viver juntos como irmãos ou vamos perecer juntos como tolos”.*

***Martin Luther King Jr.***

## RESUMO

Atualmente a violência é um problema presente nos vários espaços sociais consequentemente nas Escolas, a escola como principal setor que promove educação deve trabalhar formas de favorecer uma cultura de paz através de práticas pedagógicas que promovam a alteridade nas relações escolares. O presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo buscando perceber como as práticas de alteridade podem auxiliar no processo de formação dos educandos do ensino fundamental sendo trabalhada em uma Escola pública do ensino fundamental da cidade de João Pessoa-PB. A pesquisa investigou os professores do Ensino fundamental I e II da referida escola através de questionário. Para concretizar o estudo foram utilizadas as pesquisas bibliográficas e a pesquisa de campo. As informações bibliográficas constituem como suporte de argumentação na presente pesquisa, a pesquisa girou em torno de conceitos como *Alteridade, cuidar, educar, ambiente acolhedor, professor, cultura de paz*, os conceitos foram construídos a partir de autores como Baptista(2005), Boff(1999), Freire(2006), Gadotti(2002), permitindo concluir práticas de alteridade são essenciais para a melhor convivência em sala de aula, possibilitando mudanças na sociedade atual, permitindo aos indivíduos a construção de uma cultura de paz. A pesquisa de campo demonstrou que apesar dos educadores perceberem a necessidade de se trabalhar a formação moral dos educandos para que estes sejam capazes de conviver em harmonia, sentem dificuldade para tratar e trabalhar esse tema no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Alteridade. Cuidar e Educar. Ambiente acolhedor. Ensino Fundamental.

## ABSTRACT

Currently violence is present on various social spaces problem consequently in Schools, the school as the main sector that promotes education should work ways to promote a culture of peace through pedagogical practices that promote alterity in school relations. This study aimed to conduct a study seeking to understand how the practices of alterity can assist in the training of the students of elementary education process being worked in a public school elementary school in the city of João Pessoa-PB. The research investigated teachers of Elementary I and II of the school through a questionnaire. To achieve the study bibliographic research and the field research were used. Bibliographic information are as support of argumentation in the present research, the research revolved around concepts such as alterity, care, educate, welcoming environment, teacher, peace culture, the concepts were constructed from authors like Baptista (2005), Boff (1999), Freire (2006), Gadotti (2002), allowing conclude alterity practices are essential for better interaction in the classroom, enabling changes in contemporary society, allowing individuals to build a culture of peace. The results demonstrated that although educators realize the need to work with the moral education of students so that they are able to live together in harmony, have difficulty treat this theme and to work in everyday school life.

**Keywords:** Alterity. Caring and educate. Welcoming environment. Elementary Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1.** – Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca \_\_\_\_\_ 25

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> – Perfil do professor. Qual seu sexo? _____	32
<b>Gráfico 2.</b> – Perfil do professor. Qual sua idade? _____	32
<b>Gráfico 3.</b> – Perfil do professor. Qual sua formação? _____	33
<b>Gráfico 4.</b> – Perfil do professor. Qual ano/série leciona? _____	34
<b>Gráfico 5.</b> – Responsabilidades do educador _____	35
<b>Gráfico 6.</b> – Como o professor se sente em relação a sua responsabilidade _____	36
<b>Gráfico 7.</b> – A influência da sociedade para a formação dos educandos _____	37
<b>Gráfico 8.</b> – Em relação à afetividade _____	38
<b>Gráfico 9.</b> – Relação professor-aluno _____	39
<b>Gráfico 10.</b> – Sala de aula como ambiente acolhedor _____	40
<b>Gráfico 11.</b> – Comportamento do professor numa situação de conflito entre alunos _____	42
<b>Gráfico 12.</b> – Sobre práticas pedagógicas que promovem alteridade _____	44

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** – Perfil do professor. Qual a disciplina que leciona? \_\_\_\_\_ 34

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>15</b>
2.1	ALTERIDADE NA EDUCAÇÃO: POR UMA CULTURA DE PAZ	15
2.2	CUIDAR E EDUCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL	18
2.3	SALA DE AULA COMO AMBIENTE ACOLHEDOR	20
2.4	EDUCADOR RESPONSÁVEL	22
2.5	HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	25
2.5.1	Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca	25
2.5.2	Objetivos e Princípios	27
2.5.3	Finalidades	27
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>28</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA	28
3.2	LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO	29
3.3	METODOLOGIA E ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	29
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>31</b>
4.1	RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS	31
4.1.1	Resultados e discussão dos questionários aplicados aos professores da E. E. E. F. Borges da Fonseca	31
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>52</b>
	<b>APÊNDICES A</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo passa por um momento de crise, seja de ordem educacional, econômica, social. A crise ética motivada pelo capitalismo operante que induz a competitividade e nos torna cada vez mais incapazes de se colocar no lugar do outro, levando muitas pessoas a uma situação de exclusão. Segundo Boff (1999, p.191):

Hoje, na crise do humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penetração da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência.

Diante desse cenário de crise histórica no mundo contemporâneo a escola acaba sendo reflexo do que ocorre na sociedade como um todo. Desse modo a falta de alteridade presente nas relações sociais se faz presente também dentro da escola entre professores e alunos como também entres alunos e alunos. O que não se deve permitir é que a escola como instituição que promove segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei 9394/96, educação “inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana” reproduza e reforce práticas que fortalecem a crise já existente.

Precisamos aproveitar o momento de crise e parar para refletir sobre a realidade. Como nos sugere Rios (2001, p.39):

Se efetivamente vivemos um momento de crise, é preciso lembrar que devemos considerar que a ideia de crise aponta para duas perspectivas – a de *perigo* e a de *oportunidade*. Se considerarmos apenas o perigo, corremos o risco de nos deixarmos envolver por uma atitude negativa, ignorando as alternativas de superação. É importante considerar a perspectiva de oportunidade, que nos remete à crítica, como um momento fértil de reflexão e de reorientação da prática.

É necessário que tenhamos disposição para assumir a crise para então encontrarmos meios de superá-la. Nesse sentido é preciso que os educadores reflitam sobre as próprias práticas pedagógicas no interior das escolas visando à promoção do diálogo e a valorização das diferenças através da alteridade.

Para isso precisamos repensar a educação e desconstruir alguns conceitos que foram impregnados e reconstruir outros considerando a importância da alteridade nas relações humanas, buscando promover uma educação mais solidária, tolerante, menos egoísta e competitiva. A banalização da vida humana, a indiferença para com a necessidade dos outros é reforçada pela mídia, a exemplo, dos programas policiais fazem do sofrimento alheio uma espécie de entretenimento, não importa o quanto seja constrangedora a cena, o número de mortos, os gritos e apelos dos que sofrem, nada disso parece importar, a indiferença grita e a desgraça é tida como normal. Esse cenário lembra o que acontecia na época medieval, os enforcamentos em praça pública em que as pessoas se reuniam com intuito de assistir a mortes, parece que voltamos à barbárie e nos fizemos espectadores da dor do outro.

Eis que diante dessas questões surge a formulação do seguinte problema: *Como as práticas de alteridade, utilizadas pelos professores, podem auxiliar no processo de formação dos educandos do ensino fundamental, envolvendo as dimensões do cuidar e educar?*

Com vistas a responder este problema, definimos o objetivo geral da pesquisa, explicitado da seguinte forma: Compreender a importância da alteridade no processo de formação dos educandos do ensino fundamental.

Em decorrência do objetivo geral, anteriormente mencionado, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: Estudar o significado dos conceitos de alteridade, responsabilidade ética, cuidar e educar no contexto do Ensino Fundamental; Compreender a importância das dimensões do cuidar e educar; Analisar as concepções de alteridade e sua importância na sala de aula presente entre os professores do ensino fundamental; Identificar situações da sala de aula em que a alteridade esteja presente.

Diante disso nossa pesquisa torna-se relevante na medida em que surge a urgência de se trabalhar uma pedagogia mais humana, que percorra os caminhos da

alteridade, que repense o papel do professor, que contribua para a formação do ser em sua totalidade, uma pedagogia que torne o ser capaz de perceber o outro. Poderá contribuir para uma educação mais solidária, com o intuito de combater a violência tão fortemente vivenciada em nossa sociedade, disseminada nos vários espaços sociais, educação essa que precisa chegar a um ponto em que o sujeito diante do rosto que o interpela sinta-se constrangido em não responder ao seu apelo.

Esta monografia foi motivada desde a graduação no curso de Pedagogia, dando continuidade a uma pesquisa inicial acerca da necessidade do cuidado no ambiente escolar com vistas a alcançar uma pedagogia mais humana e solidária, época em que surgiu uma inquietação acerca do tema a partir de experiências que adquiri durante o curso e posteriormente na especialização. Sentimos a necessidade de aprofundar a pesquisa a medida que avançávamos nos estudos e nos deparávamos com mais questionamentos sobre a percepção dos professores acerca da importância da alteridade para educação, de maneira que a pesquisa se tornou cada vez mais relevante.

Sendo assim, o referido trabalho encontra-se organizado em quatro partes. A primeira seção destaca alguns pressupostos que foram determinantes na construção desta pesquisa, bem como a problemática, a justificativa, os objetivos e a metodologia utilizada.

Na segunda seção, apresenta-se a alteridade na educação, na sequência a importância do cuidar e educar no ensino fundamental, bem como sala de aula como ambiente acolhedor, o educador responsável e por fim o histórico da instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada.

A terceira parte do trabalho tem por finalidade descrever o tipo de pesquisa utilizada, bem como a localização e a população estudada e o desenvolvimento e a aplicação dos questionários. Por fim concluímos o trabalho com a apresentação das considerações finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. ALTERIDADE NA EDUCAÇÃO: POR UMA CULTURA DE PAZ.

Diante do cenário de crise em que a sociedade contemporânea está inserida, no individualismo operante o outro é visto como adversário que precisa ser superado, como nos diz Skliar (2003) “se, em algum momento da nossa pergunta sobre educação, tínhamos nos esquecido do outro, agora detestamos sua lembrança, maldizemos a hora de sua existência e da sua experiência” (SKLIAR, 2003, p.40).

Essa visão egoísta impede que o indivíduo enxergue o outro, tendo como primordial um único ponto de vista, o seu. Dessa maneira o indivíduo se torna incapaz de perceber-se e assumir-se como errado e numa situação de conflito busca defender apenas a si mesmo optando pela autopreservação acreditando verdadeiramente que seu ponto de vista é verdade absoluta, o ser humano vive numa guerra pela sobrevivência em que o outro é inimigo.

Alteridade é a capacidade de conviver com o “outro” de forma harmônica e igualitária, de se colocar no lugar do “outro” sem projetar-se nele (o outro), através do diálogo e respeitando às diferenças. A ética da alteridade, sendo verdadeira, é incapaz de reduzir o outro a uma cópia estereotipada e passiva oriunda da representação do “outro” pela ótica do “eu”. A alteridade implica num desprendimento do “eu” para que o encontro com o “outro” aconteça num espaço desprovido de pré-conceitos.

A educação precisa combater essa tendência através de práticas que privilegiem a alteridade tornando os educandos mais humanos e solidários. Segundo Baptista(2005):

Cabe à educação promover todas as condições que permitem ao sujeito tomar posse plena do seu presente e alimentar-se do mundo, fruindo dele, possuindo-o, dominando-o com a força do seu trabalho, conhecendo-o, tematizando-o, transformando-o e representando-o. Mas também partilhando-o com outros sujeitos segundo uma lógica de solidariedade, de justiça e de bondade.(BAPTISTA, 2005, p.250).

A escola e mais precisamente a sala de aula é um espaço privilegiado para promover a ética da alteridade, espaço onde as experiências são socializadas, em que os educandos precisam se sentir valorizados e acolhidos.

A capacidade ética promovida pela educação está fadada a ser infinita assim como a aprendizagem o é para o humano, implica “num processo de aprendizagem a ser infatigavelmente protagonizado por todos os homens, em todas as etapas de sua existência” (BAPTISTA, 2005, p.232).

Por isso a pedagogia deve ser contemplada pela alteridade, promovendo o diálogo, o respeito às diferenças, a solidariedade, a tolerância, o cuidado com o outro. O cuidado “representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p.33). O cuidado é essencial para educação uma vez que pretendemos formar o cidadão integral.

O ser humano precisa ser educado e cuidado, de forma indissociável, o racional não deve ser mais valorizado do que o emocional, pois são inseparáveis, compõem o ser em sua totalidade como afirma Maturana (1998, p.15) “ ao nos declararmos seres racionais vivemos numa cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano”.

Nesse sentido acreditamos que a dimensão afetiva deve ser considerada na educação com vistas a educar o ser para a humanidade, para isso devemos considerar uma educação que promova a paz. No entanto não se pode falar de paz sem antes tratar do problema violência. A violência é um problema antigo no mundo e bastante presente em nossa sociedade, está sendo disseminado nos demais espaços sociais e conseqüentemente nas escolas, o *Relatório mundial sobre violência e saúde*, define violência como:

Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 5)

Por sua vez a violência escolar é um problema bastante comum e se manifesta de diferentes formas, seja a depredação da instituição, vandalismos, violência entre alunos e alunos e professores, indisciplinas, e até mesmo furtos. Por ser um problema a violência não pode ser ignorada, mas deve-se estudar os conceitos e definições, através do diálogo traçar metas e encontrar possíveis soluções para combatê-la, como prevê o relatório mundial sobre violência e saúde da OMS, a violência não é inexorável, por isso “o mundo não tem de aceitá-la como parte inevitável da condição humana” (KRUG *et al.*, 2002, p.3).

Para combater a violência tão fortemente vivenciada por todos, acreditamos numa educação para a paz, para tanto precisamos compreender que:

A cultura da paz se constitui dos valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, aos direitos humanos, entendidos em seu conjunto, interdependentes e indissociáveis. Viver em uma cultura de paz significa repudiar todas as formas de violência, especialmente a cotidiana, e promover os princípios da liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular e compreensão entre os povos e as pessoas (UNESCO *apud* MILANI, 2003, p.36).

Uma educação para a paz requer a capacidade de ouvir o outro, de compreendê-lo, acreditamos que as práticas de alteridade podem auxiliar nesse processo, uma vez que a transcendência é abertura para a paz.

A escola é um espaço privilegiado para se construir uma cultura de paz, um espaço carregado de conflitos diários que podem servir como exercício para o combate da violência, como afirma Ana Maria Freire:

“precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na “Cultura da Paz”, que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a co-laboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade” (FREIRE,2006, p.391).

Acreditamos que práticas de alteridade podem auxiliar educadores e educandos no processo de ensino-aprendizagem, no cotidiano escolar. Tornando

mais branda e pacífica a árdua tarefa de educar, árdua por ser intensa, por ser contínua complexa e por exigir dedicação e responsabilidade de seus protagonistas.

Freire nos dia que “Precisamos da Paz por que ela nos abriga no conforto da Mãe-Terra, no útero aquecido do cuidado, da tranquilidade, da VIDA. Precisamos da Paz por que ela garante a preservação do Planeta na sua multiculturalidade e diversidades de todas as naturezas e níveis” (FREIRE, 2006, p.391). Por tanto precisamos fazer com que nossos alunos desejem a paz, acreditem nela e percebam que ela é necessária, não podemos permitir que eles se conformem com a violência e muito menos considerem a violência algo normal.

## 2.2. CUIDAR E EDUCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL.

O ensino fundamental obrigatório e gratuito compreende a segunda etapa da educação básica, inicia-se aos seis anos de idade e tem duração de nove anos. A Lei nº 9394/96 trata do ensino fundamental na LDB no Art.32 cita que a solidariedade e a tolerância são um dos eixos necessários para se alcançar a formação básica do cidadão, tendo como objetivo no inciso IV “O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social”. (BRASIL, 1996)

Com o intuito de auxiliar os professores em suas práticas educativas os Parâmetros Curriculares da Educação (PCNs) em sua introdução indicam os objetivos gerais do ensino fundamental, entre eles destacamos:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania (Brasil, 1997, p.69).

De acordo com o exposto acima para formação do cidadão e uma educação de qualidade faz-se necessário uma educação que abarque a dimensão afetiva do educando, podemos observar que as leis e parâmetros que regem o ensino fundamental do nosso país respaldam-se em valores como, solidariedade, tolerância, respeito, responsabilidade, diálogo, ética entre outros. Com isso é cabível atentar para a importância do cuidar e educar na Educação Básica.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) consideram as dimensões do cuidar e educar em sua inseparabilidade, “Cuidar e educar significa compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana” (BRASIL, 2013, p.17). Trata-se de uma concepção mais ampla e filosófica do cuidado que vai além do mero assistencialismo. Segundo Boff:

Cuidado, pois, por sua própria natureza, inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira designa a atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro. A segunda nasce desta primeira: a preocupação e a inquietação pelo outro, porque nos sentimos envolvidos e afetivamente ligados ao outro (BOFF, 1999, p.29).

Para esse autor o cuidado é atitude, um modo de ser, de relacionar-se com o outro, a convivência diária permite que o professor e o aluno tornem-se significativos e importantes na vida um do outro, cabe a eles estabelecerem uma relação de cuidado entre si e uns com os outros.

Educar exige cuidado, com si e com o outro, é aceitar e acolher o outro, daí emerge o sentido de alteridade que acarreta numa abertura em relação ao outro, educar com cuidado promove a educação integral do ser humano, respeitando-o em sua totalidade. A afinidade entre educar e cuidar nas relações entre professores e alunos influencia positivamente no comportamento dos mesmos, a internalização desses princípios consiste na harmonização do cotidiano escolar.

Porém cuidar do outro não implica em “deixar fazer”, pois quem cuida se importa com o outro e por isso chama atenção, intervém com autoridade e pune quando necessário. Para Boff o cuidado nasce quando se constrói o equilíbrio entre o cuidado em excesso e o descuido, com autocontrole. Ainda segundo o mesmo

autor “o cuidado não convive nem com o excesso nem com a carência. Ele é o ponto ideal de equilíbrio entre um e outro” (BOFF, 1996, p.162).

Com isso entendemos a importância da valorização do cuidado na educação, acreditamos que educar e cuidar, bem como atitudes de alteridade, são eixos imprescindíveis quando objetivamos alcançar uma educação integral, pois “sem cuidado deixamos de ser humanos” (BOFF, 1999, p.28).

### 2.3. SALA DE AULA COMO AMBIENTE ACOLHEDOR.

As crianças, vítimas da sociedade contemporânea violenta, chegam a nossas escolas necessitadas de cuidado, de atenção, precisam se sentir acolhidas. É através do rosto que interpelam a necessidade do acolhimento, num sentido levinasiano (referente a filosofia de Emmanuel Levinas) “o rosto, como epifania, revela e expressa a alteridade do outro. O rosto, em sua epifania, não é simplesmente aquilo que aparece na forma de luz, sensível ou inteligível. A partir da sua exterioridade, o rosto do outro se exprime como revelação, que na sua nudez, é penúria. (MELO, 2001, p. 22).”

Ao acolher o outrem, interpelado pelo clamor expresso na exterioridade do rosto que testemunha sua interioridade, o indivíduo se vê incapaz de continuar na mesmidade abrindo-se para a alteridade, “a experiência da relação com a alteridade apoia-se num processo reflexivo que torna o sujeito capaz de acolher, de reconhecer, a exterioridade de uma interpelação” (BAPTISTA, 2005, p. 116).

Para uma boa aprendizagem a sala de aula precisa ser um ambiente harmônico em que regras de boa convivência devem ser acordadas entre educador e educandos. Para tanto é necessário que o professor esteja atento aos conflitos entre alunos favorecendo as soluções e quando possível utilizar-se destes momentos para trabalhar o respeito, situações de *bullying*, por exemplo, não podem ser negligenciadas pelo educador. Para que um ambiente seja acolhedor é necessário confiança, segurança e respeito mútuo isso favorece o clima de

pertencimento por parte dos alunos no qual eles se sentem parte integrante da escola.

Ao acolher o outro, estabeleço com ele uma relação de aceitação, vivo com ele uma experiência de confiança e respeito, ao se sentir acolhida a criança se sentirá mais confiante elevando sua autoestima, o bom relacionamento dos educandos com a escola facilita o seu processo de aprendizagem. Como nos sugeri Libâneo (1994):

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p. 87)

Dessa maneira acreditamos que as salas de aulas devem ser ambientes acolhedores para que os educandos sejam convidados a experimentar um ambiente em que “no lugar da agressividade, há a convivência amorosa, em vez de dominação, há a companhia afetuosa, ao lado e junto com o outro” (BOFF, 1999, p.96).

A estrutura e organização da instituição também colaboram para um ambiente acolhedor, a estética é importante, porém um ambiente acolhedor não se restringe ao espaço físico, mas também ao clima que significa o relacionamento harmônico, a boa convivência. O ambiente acolhedor vai desde um ambiente limpo, carteiras confortáveis, espaço adequado até sensação de pertencimento, segurança e bem estar. Tudo isso contribui para a aprendizagem dos educandos, claro que o professor não é o único responsável para que esse ambiente seja possível, principalmente no que refere a estrutura, mas enquanto educador desempenha um papel primordial nesse assunto

Para Vygotsky “na ausência do outro, o homem não se constrói homem” (REGO, 1995), o convívio na sala de aula possibilita o indivíduo a relacionar-se com seus colegas e com o professor aprendendo com esse convívio, proporcionando a

esses autores adquirir experiências que auxiliem na construção de identidades mais solidárias.

O educador não pode ignorar o que aflige a sala de aula, como adulto de referência sua omissão afeta o comportamento dos estudantes que acabam indiferentes ao respeito da mesma forma. “Além disso, num ambiente respeitoso, os alunos aprendem mais, pois se sentem tranquilos para participar da aula, sem risco de serem ridicularizados” (SALLA, 2013, p.42).

É sabido que o autoritarismo não funciona mais em um ambiente democrático, o professor não deixa de ter autoridade em sala de aula, porém essa autoridade não pode ser imposta, mas conquistada. Para isso os educandos precisam reconhecer no educador uma pessoa justa, que haja de maneira coerente em relação a eles, que os trata como igual, mas também percebe e valoriza suas diferenças.

Se desejarmos formar cidadãos éticos devemos facilitar experiências positivas banhadas nos princípios da alteridade, para que o aluno seja capaz não só de se colocar no lugar do outro, mas responder ao seu apelo.

#### 2.4. EDUCADOR RESPONSÁVEL.

Os educadores são privilegiados uma vez que “funcionam, acima de tudo como agentes de proximidade humana” (BAPTISTA, 2005, p.246) inseridos num espaço propício de produção de alteridade. O educador possui responsabilidade ética, ser responsável é ser capaz de responder ao apelo do outro. Quando o rosto do ser fragilizado elege o outro para mostrar a nudez de seu rosto ele o convida a responsabilidade de resposta ao seu apelo, um chamado ao qual a indiferença não é aceita.

O educador responsável é capaz de acolher o outro com todas as suas diferenças, essa experiência entre o educador e o educando, que solicita esse acolhimento, acontece pela expressão do rosto, que “só poderá ser vivida como experiência de encontro humano, como experiência de diálogo, de contato, e de

sensibilidade” (BAPTISTA, 2005, p. 117) e solidariedade nas escolas e nas salas de aula.

Este profissional entende que a educação está ligada a capacidade de auto-aperfeiçoamento do humano, dessa maneira rompe com os discursos da fatalidade carregados de pré-conceitos que tendem a condenar o homem, pois ele acredita no seu educando e na força de sua ação pedagógica que longe de ser neutra é marcada por intencionalidade, interferindo assim na vida do educando e vice-versa. Baptista nos lembra de que o poder que provém “desta posição privilegiada só pode estar a serviço da emancipação do outro e não da sua alienação” (BAPTISTA, 2005, p.248).

Segundo a mesma autora os educadores precisam “reconhecer-se como adultos de referência, assumindo inteiramente a responsabilidade inerente a esse poder” (BAPTISTA, 2005, p.247). Por isso os educadores precisam passar para seus educandos atitudes éticas para que estes sintam o desejo de acolher o outro, ser solidários, ter cuidado e responsabilidade com o outro dentro e fora da sala de aula. Como nos lembra Freire “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem” (FREIRE, 1996, p. 19).

A expectativa do professor sobre os alunos influencia na aprendizagem dos mesmos, para que os alunos sejam bem sucedidos é essencial que o professor acredite na capacidade deles de aprender, quanto menos esperam dos alunos menos atenção dedica a eles, essas atitudes podem acarretar numa baixa auto-estima por parte do aluno que acaba internalizando o discurso de que ele não é capaz, “esse discurso acaba sendo assumido pelas crianças, que passam a acreditar que não têm jeito para o estudo” (Ramos *apud* Salla 2013, p.39).

Para ilustrar compartilho aqui um caso vivenciado por mim, estava alfabetizando uma criança em uma determinada escola pública no 2º ano do ensino fundamental, a maior dificuldade que encontrei foi em fazer com que ele acreditasse que podia ler, o referido aluno repetia para mim que não podia aprender a ler porque se considerava “burro”, para resumir, depois de muito esforço de ambas as partes ele foi criando mais confiança em si na medida em que eu demonstrava acreditar

nele, naquele mesmo mês ele já estava lendo pequenas palavras. Não me esqueço da felicidade de ambos quando ele descobriu que podia ler.

Nessa perspectiva a educação não pode tentar apagar a memória do indivíduo com o intuito de modelá-lo para o convívio social, mas considerar que as experiências vividas por ele são parte fundamental nesse processo. Dessa maneira o educador ao invés de anulá-lo e submetê-lo a desejos e ordens, forçando-o a adequar-se a um sistema, estabelece com o educando uma relação de alteridade que “permite desenvolver a consciência de que a vida não é sempre, ou necessariamente, uma experiência feliz e que há valores maiores do que a satisfação egoísta de desejos sem infinito” (BAPTISTA, 2005, p.246) compartilhando com ele alegrias e dores, tornando-se mais humanos e solidários.

A sociedade está sempre em movimento e em constante mudança que requer novas exigências para os profissionais, assim surge à urgência de se trabalhar uma pedagogia mais humana que percorra os caminhos da alteridade, que repense o papel do professor, que contribua para a formação do ser em sua totalidade. Segundo Incontri:

A capacidade para educar, entretanto, está muito além dos conhecimentos técnicos adquiridos num curso de Pedagogia. Ser educador é muito mais do que ser professor. Para ser educador, não basta conhecer teorias, aplicar metodologias, é preciso uma predisposição interna, uma compreensão mais ampla da vida, um esforço sincero em promover a própria auto-educação, pois o educador verdadeiro é aquele que antes de falar, exemplifica; antes de teorizar, sente e antes de ser profissional é um ser humano. (INCONTRI, 2004, p.52).

Vivemos numa sociedade da informação onde temos acesso livre ao conhecimento e várias maneiras de obtê-lo, essa nova condição implica em uma mudança de postura do profissional da educação, não cabe mais ao professor um papel de mero transmissor do conhecimento, como afirma Gadotti (2002) a educação não é apenas uma particularidade escolar, mas de toda comunidade. Dessa forma o educador tem caráter mediador no processo educativo em que o aluno é o protagonista, “o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um **organizador da aprendizagem.**” (GADOTTI, 2002, p.8).

Nesse contexto exige-se do professor um relacionamento mais dialógico, contextualizado e coletivo com seus alunos. O educador tem responsabilidade de encantar os educandos com o conhecimento para que estes tenham gosto para aprender, para isso a aprendizagem precisa ser significativa, precisa fazer sentido do contrário não aprendemos.

Gadotti (2002) aponta que a educação futura deverá alcançar mais dimensões éticas, dialógicas, emocionais, dessa forma acreditamos que ações de alteridade são fundamentais nas relações dentro e fora da escola, aprendemos agindo. “Isso implica **novos saberes**, entre eles, saber planejar, saber organizar o currículo, saber pesquisa, estabelecer estratégias para formar grupos, para resolver problemas, relacionar-se com a comunidade, exercer atividades sócio-antropológicas, etc.” (GADOTTI, 2002, p. 14).

Nessa perspectiva Freire nos indica qualidades indispensáveis para a prática pedagógica sendo elas: “amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça” (FREIRE, 1996, p.75). Saberes fundamentais para desenvolver uma cultura de paz na educação como alternativa para erradicar a violência.

Para o educador ser bem-sucedido ele precisa gostar do que faz, precisa conhecer seus alunos e o contexto o qual estão inseridos. O educador precisa ser esperançoso, não porque a melhoria da educação é algo distante, mas porque a esperança nos impulsiona à mudança e a desesperança imobiliza.

## 2.5.HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO.

### 2.5.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca.



**Figura 1.** – Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca, foi fundada em 1945, situada em zona urbana na Av. Coronel Calixto S/N, no conjunto Cidade Verde, bairro de Mangabeira, no município de João Pessoa. Anteriormente neste local, estabelecia-se a Fazenda Mangabeira, pertencente ao Governo Estadual, onde se abrigavam os familiares de presidiários, dando-lhes condições para trabalharem na agricultura.

Dentro desta fazenda, formavam-se a Penitenciária de Segurança Máxima Geraldo Beltrão e a Penitenciária Média Juiz Hitler Cantalice, que vieram a ser conhecidas como Colônia Agrícola, e pelo fato de alguns familiares dos presidiários se agregarem também nesta localidade surgiu a necessidade de ter uma escola por perto. No governo de Ruy Carneiro, foi construída esta escola atendendo a todos os filhos dos apenados e de alguns funcionários dos presídios, o nome da mesma foi em homenagem ao jornalista brasileiro Antônio Borges da Fonseca, que fez seus estudos secundários no seminário episcopal de Olinda, depois formou-se em Direito na Alemanha. Ao voltar para o Brasil se tornou planetário do movimento republicano, se envolvendo na revolta de 06 de abril de 1831, no Rio de Janeiro. Inicialmente a escola foi construída com amplo espaço físico, denominada de Grupo Escolar Borges da Fonseca, que ainda hoje encontra-se na fachada da frente, bem no alto. Com relação aos cômodos, havia: três salas de aula, três banheiros, uma dispensa e uma sala de direção, que simultaneamente servia para secretaria e sala para os professores.

Com o passar do tempo, com a aproximação de novos moradores e a formação do conjunto Cidade Verde, a escola foi perdendo suas características de escola para filhos de apenados, passando a receber alunos que vieram morar nas adjacências da Colônia Agrícola, e de outras localidades do bairro de Mangabeira. Devido à grande demanda, houve a necessidade de se fazer uma reforma, onde foram ampliados novos espaços.

No turno da manhã funciona o ensino fundamental séries finais que vai do 6º ao 9º ano, no turno da tarde trabalha-se com os alunos do fundamental séries iniciais que vai do 1º ao 5º ano. No período noturno está presente a E.J.A, ciclo I e II e do 6º ao 9º ano.

### 2.5.2 Objetivos e Princípios.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca objetiva sua ação educativa, fundamentada nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso, da obrigatoriedade da Educação Básica e da gratuidade escolar. A proposta é uma Escola de qualidade, democrática, participativa e comunitária, como espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando visando também prepará-lo para o exercício da cidadania através da prática e cumprimento de direitos e deveres.

### 2.5.3 Finalidades

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca tem por Finalidade: atender o disposto nas Constituições Federal e Estadual, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente, ministrar o Ensino Fundamental, e Educação de Jovens e Adultos observadas, em cada caso, a legislação e as normas especificamente aplicáveis.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. TIPO DE PESQUISA.

Por “delineamento da pesquisa” entendemos o processo metodológico que orientou o processo de investigação. Método, segundo Marconi e Lakatos (2011, p.253) “consiste em uma série de regras com finalidade de resolver determinado problema ou explicar um fato por meio de hipóteses ou teorias que devem ser testadas experimentalmente e podem ser comprovadas ou recuadas”. Para Richardson, método (1999, p.22) “é o caminho ou maneira para chegar a determinado fim ou objetivo”, e para alcançar o que foi proposto é preciso seguir roteiro estabelecido pela metodologia científica.

*Metodologia científica* é definida por Richardson (1999, p. 22) como “os procedimentos e regras utilizadas por determinado método”. Há várias taxionomias de tipos de pesquisa, mas para o desenvolvimento desta pesquisa, tomamos a classificação de Vergara (2007), que classifica cada um dos métodos de pesquisa que serão utilizados da seguinte forma: quanto aos fins e aos meios.

A pesquisa é classificada quanto aos fins como *exploratória*, “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SERVERINO, 2007, p. 123).

Quanto aos meios, a investigação é qualificada como bibliográfica e de campo. Pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2007, p. 122), “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”, portanto, será realizada uma consulta sistemática em bibliografias consideradas referências no assunto, para fundamentação teórico-metodológica do estudo. A pesquisa de campo “é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo” (VERGARA, 2007, p.47).

Faremos uma pesquisa qualitativa. Segundo Richardson (1999, p. 90) “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”.

### 3.2. LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO

Nossa pesquisa desenvolveu-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca, na cidade de João Pessoa. O campo de pesquisa foi definido pelo critério de acessibilidade, pois a autora trabalha como técnica administrativa na referente escola, facilitando a pesquisa por conhecer os alunos e professores e ter maior acesso para a realização da pesquisa, buscando perceber como as práticas de alteridade podem auxiliar no processo de formação dos educandos do ensino fundamental.

A clientela da Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca, não difere das outras escolas públicas do estado da Paraíba: com poucos recursos, crianças algumas vezes desnutridas, oriundos de lares desestruturados pelo desemprego e alcoolismo. A delinquência entre jovens tem sido comum. A renda familiar é na sua grande maioria 01 (um) salário mínimo, a escolaridade dos pais, é, geralmente, o fundamental I incompleto. Dessa forma, o estudo passa a ser visto como algo secundário.

### 3.3. METODOLOGIA E ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

A referida pesquisa foi realizada no período de setembro e outubro de 2014 e consta de 01 (um) questionário aplicado aos professores do Ensino Fundamental Anos iniciais (1º ao 5º ano), no período da tarde e aos professores do Ensino Fundamental Anos finais (6º ao 9º ano), no período da manhã (APÊNDICE A).

Questionário é definido por Roesch (2009, p. 142) como um instrumento de coleta de dados que busca mensurar alguma coisa. O instrumento realizado na

pesquisa foi o questionário, pois este “não é apenas um formulário, ou um conjunto de questões listadas sem muita reflexão” (ROESCH, 2009, p.142). São necessários esforços intelectuais e planejamento, tanto por parte dos autores do questionário, quanto dos sujeitos da pesquisa.

O questionário aplicado aos professores das do Ensino Fundamental é constituído de 08 (oito) perguntas objetivas e 02 (duas) perguntas subjetivas, as perguntas dos questionários tratam temas importantes para a análise da pesquisa, como: o problema da violência, o diálogo, a importância de um ambiente acolhedor, educação para a afetividade entre outros pontos que nos auxiliaram na obtenção da informação necessária para respostas mais concretas acerca do problema da pesquisa.

O mecanismo de coleta de dados foi utilizado sem a presença do entrevistador. O questionário foi entregue aos entrevistados, a fim de serem preenchido e entregues ao entrevistador no mesmo momento. Ao entregarmos o questionário, foi explicado aos entrevistados o objetivo, a importância da investigação e destacamos o anonimato dos participantes e sigilo dos dados.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

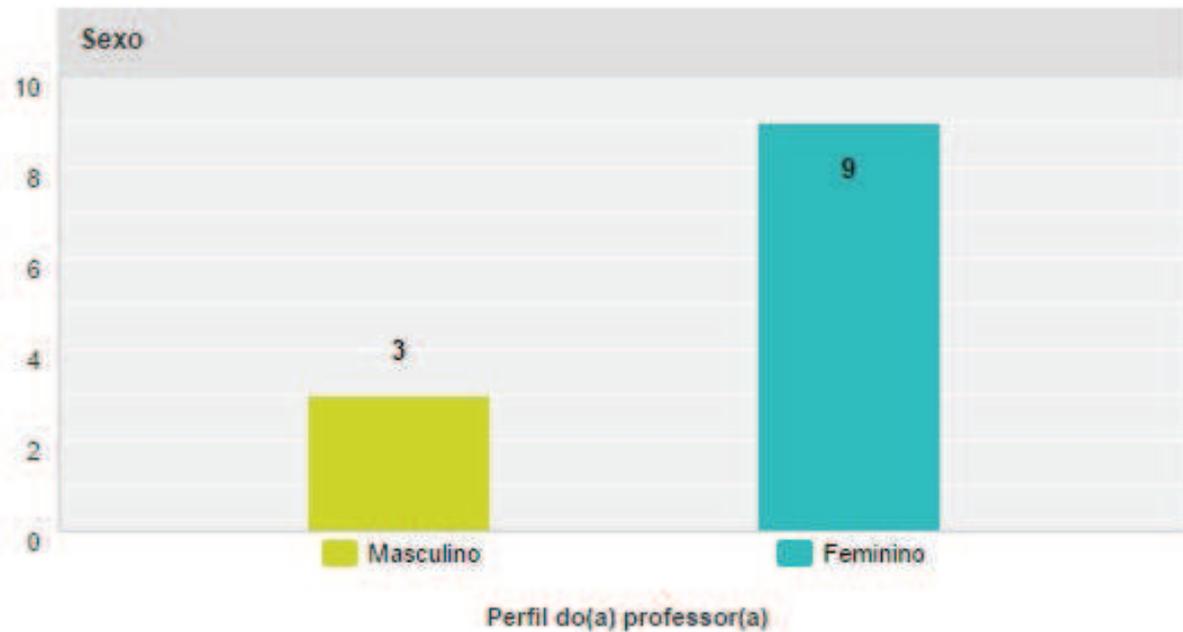
### 4.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS

A pesquisa teve como objetivo verificar qual a importância das práticas de alteridade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental. Dessa forma questionamos os professores do Ensino Fundamental de uma escola pública acerca de suas compreensões sobre a alteridade na educação e a importância do cuidar e educar no ensino fundamental bem como o acolhimento na sala de aula, também abordamos o problema da violência na escola e das responsabilidades do educador. Assim sendo, apresentamos os resultados e discussões do questionário aplicado aos professores do ensino fundamental anos iniciais e anos finais da Escola na qual a pesquisa foi realizada.

#### 4.1.1 Resultados e discussão dos questionários aplicados aos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Borges da Fonseca.

Esse questionário teve como objetivo verificar qual a importância das práticas de alteridade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental.

Dessa maneira o questionário aplicado aos professores teve 08 (oito) questões objetivas e 02 (duas) subjetivas. Sendo que na primeira parte do questionário solicitamos o perfil do professor, contendo as seguintes informações: sexo, idade, área de formação, disciplina que leciona (no caso dos professores de matérias isoladas) e anos/séries que lecionam.

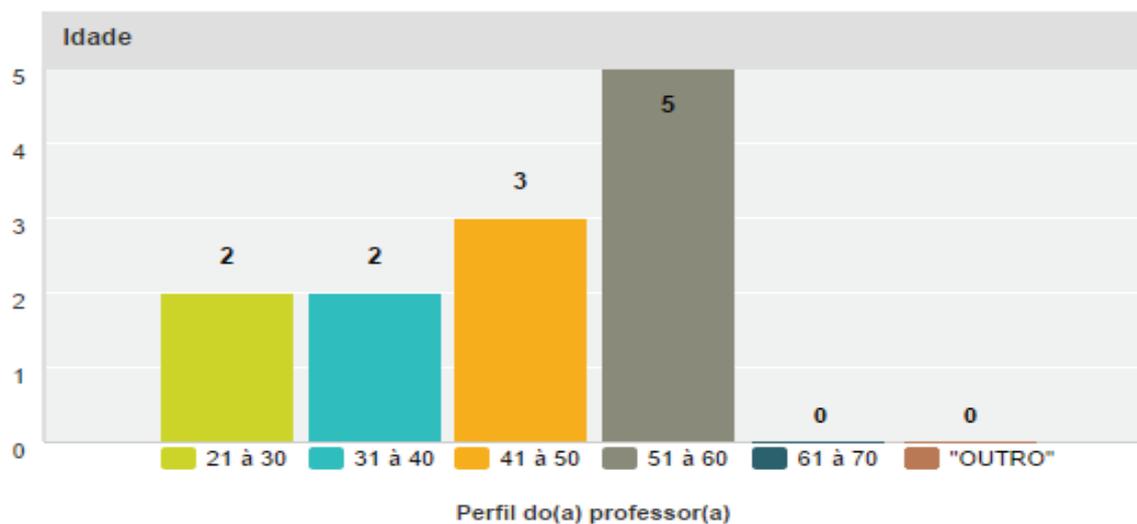


**Gráfico 1.** – Perfil do professor. Qual seu sexo?

**Fonte** – Pesquisa de campo

Como podemos observar no gráfico 1, contamos com 12 entrevistados sendo 03 (três) do sexo masculino e 09 (nove) do sexo feminino. Notamos que a maioria feminina no grupo dos entrevistados, isso nos permite afirmar que as mulheres ainda são maioria entre os professores.

Ainda no quesito, perfil do professor, questionamos qual a faixa etária do professor entrevistado. Como mostra o gráfico 2.

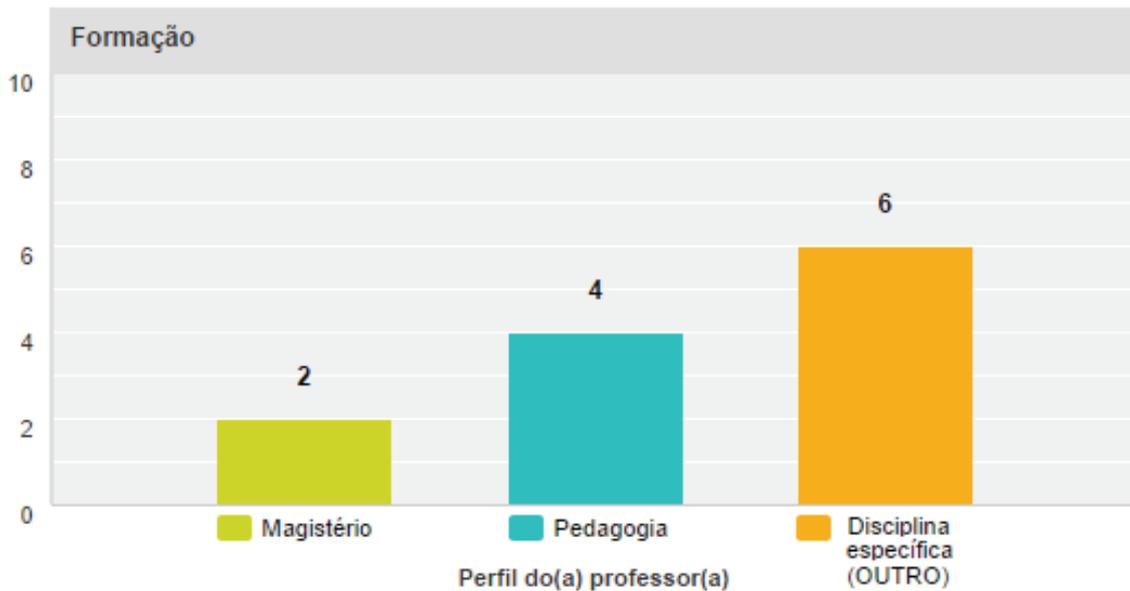


**Gráfico 2.** – Perfil do professor. Qual sua idade?

**Fonte** – Pesquisa de campo

No gráfico 2, dois professores têm de 21 a 30 anos, dois têm de 31 a 40 anos, três dos entrevistados têm de 41a 50 anos e cinco professores têm de 51 a 60 anos. A maioria dos professores entrevistados já está perto da idade de se aposentar.

A seguir perguntamos aos professores qual sua área de formação, explicitado no gráfico 3.



**Gráfico 3.** – Perfil do professor. Qual sua formação?

**Fonte** – Pesquisa de campo

Ao analisar o gráfico 3 observamos que 02 (dois) entrevistados têm como formação o Magistério, 04 (quatro) são formados em Pedagogia e 06 (seis) são formados em licenciaturas de disciplinas específicas sendo elas: Letras Português, Matemática, Artes Visuais, Biologia, Educação física, Geografia (a professora que têm formação em Geografia também é mestre em Educação e Especialista em Gestão Escolar).

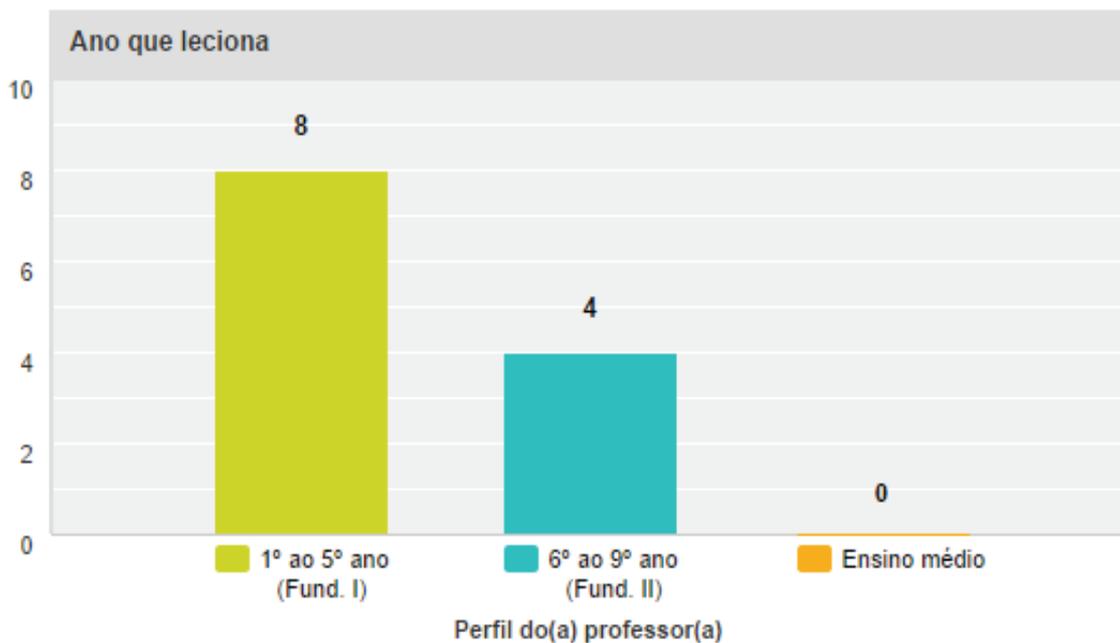
Questionamos os professores sobre qual a matéria que lecionam, ainda dentro do perfil do educador, os resultados estão expostos na Tabela 1. Onde 06 (seis) professores são polivalentes, os outros 06 (seis) distribuem-se em: português, Matemática, Geografia, ciências, Educação Física, Educação Artística e Ensino Religioso. Sendo que a professora que ensina Educação Artística é a mesma que Leciona Ensino Religioso. Pode-se observar que não foi possível concluir o

questionário com todos os professores da escola, faltando responder o questionário o professor de História e o de Inglês.

**Tabela 1.** – Perfil do professor. Qual a disciplina que leciona?

Disciplina que leciona	Nº
Polivalente	06
Português	01
Matemática	01
Geografia	01
Ciências	01
História	00
Ed. Artística	01
Ed. Física	01
Ens. Religioso	01
Inglês	00

**Fonte** – Pesquisa de campo

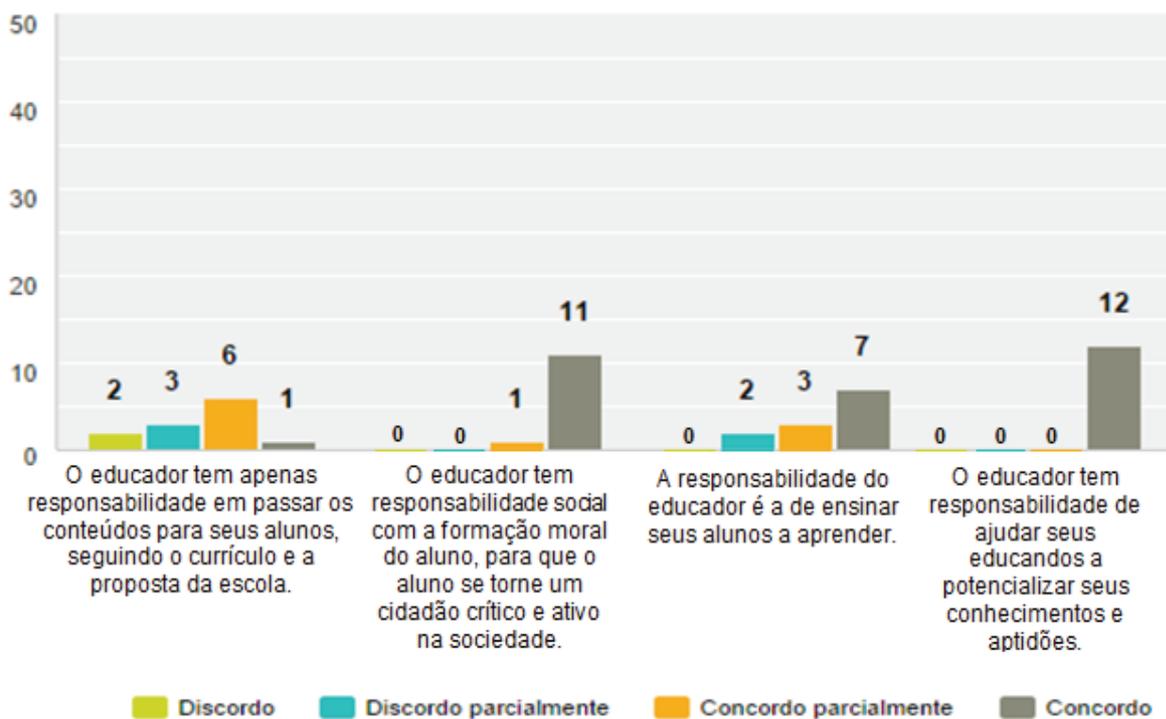


**Gráfico 4.** – Perfil do professor. Qual ano/série você leciona?

**Fonte** – Pesquisa de campo.

A questão que conclui o quesito, perfil do professor, é explicitada no gráfico 4 que mostra quais as séries que o professor entrevistado ensina. A maioria dos entrevistados ensina do 1º ao 5º ano, o que corresponde a 08 entrevistados, sendo que 02 (dois) dos 08 (oito) entrevistados ensinam tanto no Ensino Fundamental I como no Ensino Fundamental II. Os quatro entrevistados restante ensinam apenas no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Nenhum deles ensina no Ensino Médio.

### Questão 1 – Qual a responsabilidade do educador?



**Gráfico 5. – Responsabilidades do Educador.**

**Fonte** – Pesquisa de campo

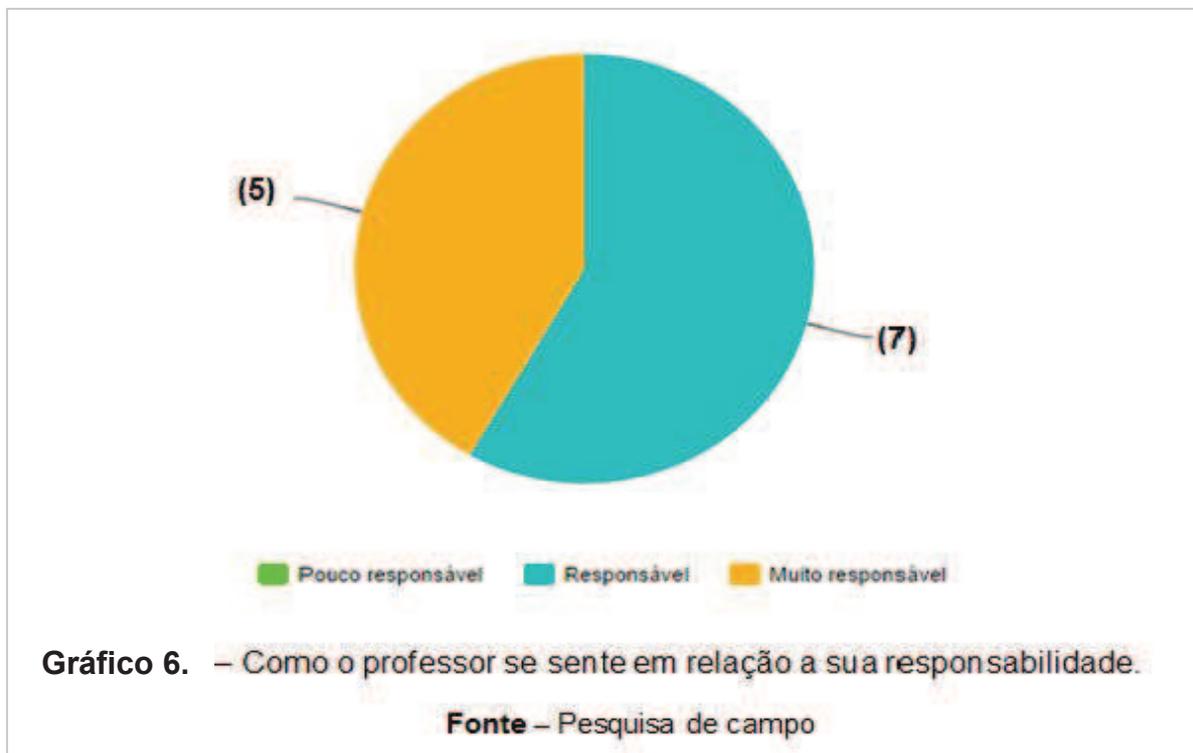
A primeira questão interrogou os entrevistados sobre quais são as responsabilidades do educador. Ao analisar o gráfico 5, observa-se que os professores concordam parcialmente que o educador tem apenas responsabilidade em passar os conteúdos para seus alunos, seguindo o currículo e a proposta da escola. Isso significa que eles concordaram que o professor deve trabalhar baseado no currículo e proposta escolar, mas não apenas.

Nota-se também que os educadores se sentem responsáveis socialmente com a formação moral do aluno, para que o aluno se torne um cidadão crítico e ativo

na sociedade. Isso nos leva a afirmar que o professor toma para si a responsabilidade de educar o indivíduo para a vida social. A educação enquanto principal meio de progresso da humanidade faz pesar sobre o professor à incumbência de educar moralmente em busca de uma sociedade mais justa e igualitária sob a égide da solidariedade.

Ainda na primeira questão os entrevistados concordaram que o educador tem responsabilidade do educador é a de ensinar seus alunos a aprender. Pois o educador enquanto mediador deve se preocupar com a aprendizagem do educando e desenvolver estratégias para auxiliar o aluno nesse processo, uma vez que a aprendizagem depende de fatores, emocionais, biológicos, relacionais e ambientais. Concordaram também que o educador tem responsabilidade de ajudar seus educandos a potencializar seus conhecimentos e aptidões. Em consonância com o que foi colocado anteriormente o educador deve facilitar á aquisição de conhecimento do aluno através de estratégias que permitam ao professor perceber as aptidões e habilidades do mesmo, estimulando-as.

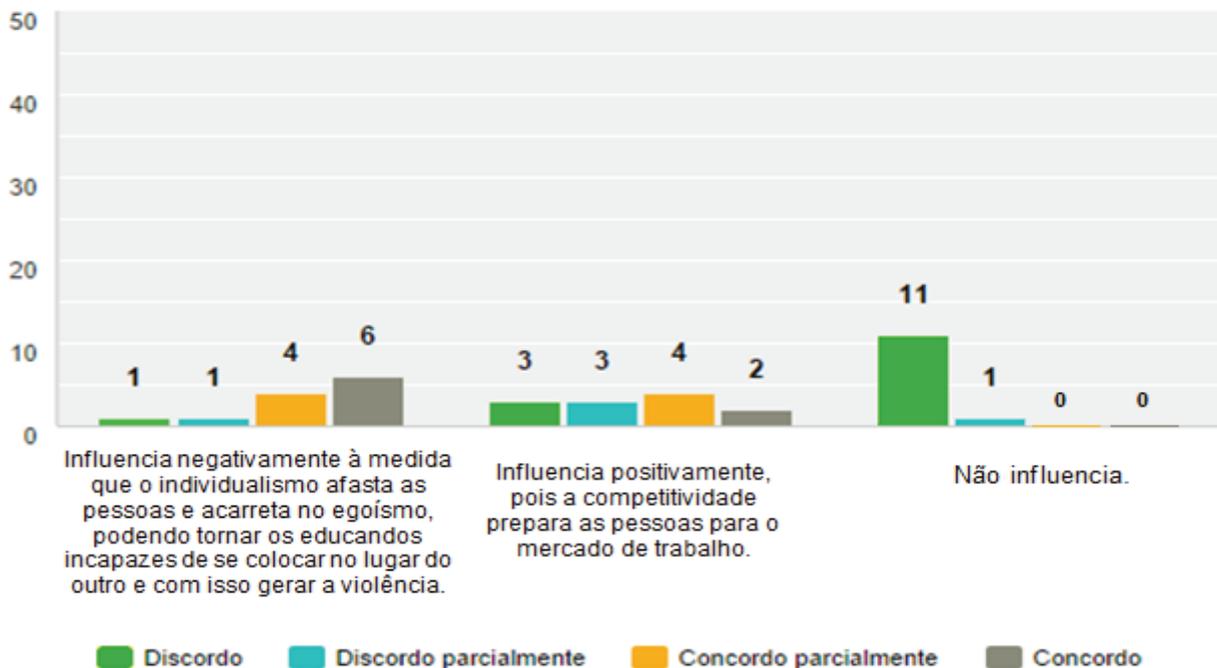
**Questão 2** – Avalie como você se sente em relação a sua responsabilidade.



A segunda questão presente no gráfico 6 perguntou como o professor entrevistado se sente em relação a sua responsabilidade como educador, em que as opções de respostas eram: Pouco responsável; Responsável e Muito responsável. Pode-se observar que 05 (cinco) professores se consideram muito responsável e 07 (sete) se consideram responsável, nenhum se considera pouco responsável. Com isso podemos considerar que 05 (cinco) professores desempenham maior esforço em sua tarefa, os outros 07 (sete) não se empenham com tanto fervor quanto os outros, talvez por já estarem cansados ou ainda desacreditados, uma vez que a maioria dos entrevistados já se encontram em idade de se aposentar.

Como podemos observar no gráfico 7, a terceira questão objetivou investigar a opinião dos professores entrevistados acerca da influencia que os educandos sofrem sob a sociedade capitalista.

**Questão 03** – Com o sistema capitalista operante e o mercado de trabalho cada vez mais competitivo nossa sociedade está cada vez mais individualista. De que forma isso pode influenciar na educação de nossas crianças?



**Gráfico 7.** – A influência da sociedade para a formação dos educandos.

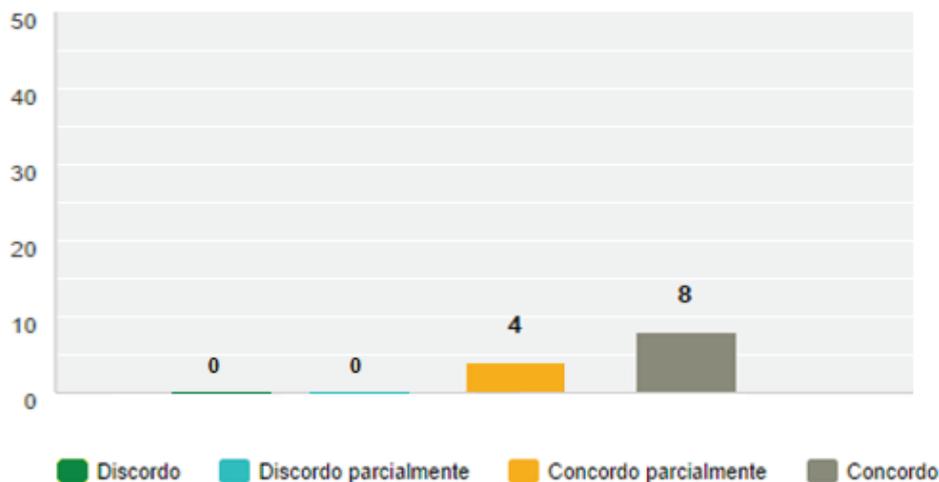
**Fonte** – Pesquisa de campo

Na terceira questão gráfico 7, os professores concordaram que a sociedade influencia de forma negativa à medida que o individualismo afasta as pessoas e acarreta no egoísmo, podendo tornar os educandos incapazes de se colocar no

lugar do outro e com isso gerar a violência. O egoísmo alimenta a intolerância, isso pode trazer consequências tanto na vida pessoal quanto na profissional como, dificuldade de trabalhar em grupo, dificuldade de compreender o outro, o não conhecimento e o desrespeito as diferenças, fatores que impossibilitam a construção de um mundo melhor.

Os entrevistados alegam concordar parcialmente que a sociedade influencia positivamente, pois a competitividade prepara as pessoas para o mercado de trabalho. A competitividade é um produto da sociedade contemporânea, uma realidade do mercado de trabalho, porém, ela por si só não garante a preparação das pessoas para o trabalho uma vez que o mercado também exige criatividade, capacidade de trabalhar em grupo, flexibilidade entre outras habilidades. Ainda assim a competitividade é um tema atual que deve ser trabalhado na escola e tem relação com o trabalho, que ocupa maior parte da vida adulta. Os professores ainda discordaram que a sociedade capitalista não influencia uma vez que concordaram que a sociedade capitalista influencia a formação do educando.

**Questão 04 – Você acredita que o professor deve educar também para afetividade?**



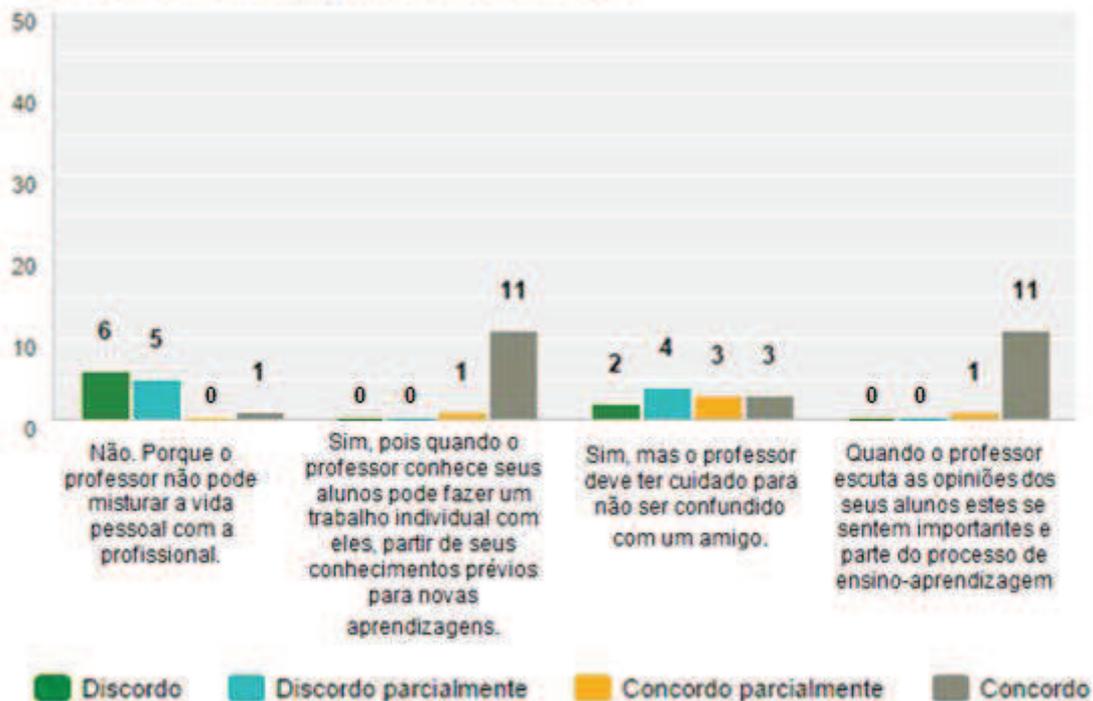
**Gráfico 8.** – Em relação à afetividade.

**Fonte** – Pesquisa de campo

O gráfico 8 que explicita os resultados da quarta questão demonstra que a maioria dos entrevistados concordam que o professor deve educar para a afetividade. O que nos possibilita dizer que os educadores percebem que a

educação afetiva é tão importante quanto a cognitiva e devem ser trabalhadas em conjunto respeitando o ser em sua totalidade.

**Questão 05** – Em sua opinião, quando o professor conhece seus alunos (suas histórias de vida) dialoga com eles, isso pode influenciar de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem do aluno?



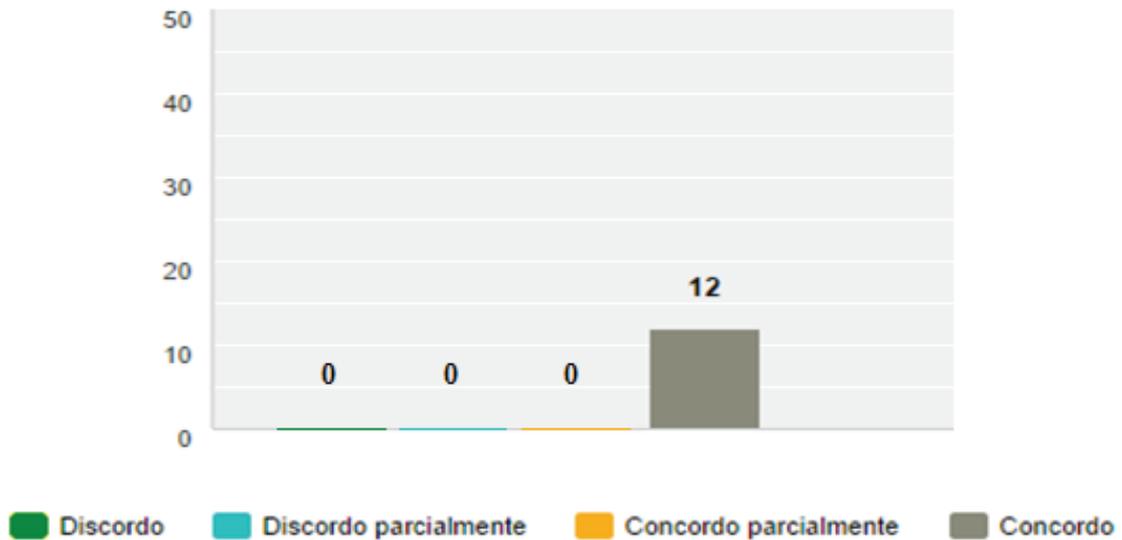
**Gráfico 9.** – Relação professor-aluno.

**Fonte** – Pesquisa de campo

Como podemos observar no gráfico 9, que contempla a questão de número cinco, os professores discordaram que o professor não deve misturar a vida pessoal com a profissional; concordaram que o professor precisa conhecer a realidade dos seus alunos e dialogar com eles para com isso facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois dessa forma pode-se fazer um trabalho individual com eles; discordaram parcialmente que o professor deve ter cuidado para não ser confundido com um amigo; concordaram que quando o professor escuta as opiniões de seus alunos estes se sentem importantes e parte do processo de ensino-aprendizagem. É necessário que o aluno faça a conexão do que se aprende na escola com a sua vida, a partir do momento que o educando transforma as

informações em conhecimento a aprendizagem se torna mais significativa e passa a fazer um maior sentido para eles.

### Questão 06 – A sala de aula deve ser um ambiente acolhedor?



**Gráfico 10.** – Sala de aula como ambiente acolhedor.

**Fonte** – Pesquisa de campo

O gráfico 10. nos revela que os professores acreditam que a sala de aula deve ser um ambiente acolhedor, convidativo, um ambiente que proporciona prazer ao educando e estimulando-o a aprender.

A primeira questão subjetiva do questionário foi a questão sete que perguntou aos professores, *como é sua relação com seus alunos? E as respostas foram:*

Professor A : *“Uma relação amigável.”*

Professor B: *“Afetiva, amiga e acolhedora”.*

Professor C: *“Uma relação amigável onde o dialogo se faz presente para uma boa convivência”.*

Professor D: *“Tenho um relacionamento muito bom, com muito respeito entre eles, apesar de ainda serem crianças muito pequenas temos uma boa interação entre o grupo.”*

Professor E: *“É uma relação amigável, de respeito, de confiança e também de autoridade”.*

Professor F: *“É uma relação de respeito e carinho para com todos”.*

Professor G: *“Minha relação é boa com a maioria mas existe alguns que são retraídos e que não simpatiza com minha disciplina”.*

Professor H: *“Uma relação próxima onde existe respeito e confiabilidade. Cada um exercendo suas atividades no dia-a-dia”.*

Professor I: *“Tento ser próxima deles, acolhendo-os, ensinando-os a pensar e a criticar o mundo em que vivem. Além disso tento ser o mais compreensiva possível com situações diversas por quais passam.”*

Professor J: *“Uma relação boa, afetiva e prazerosa”.*

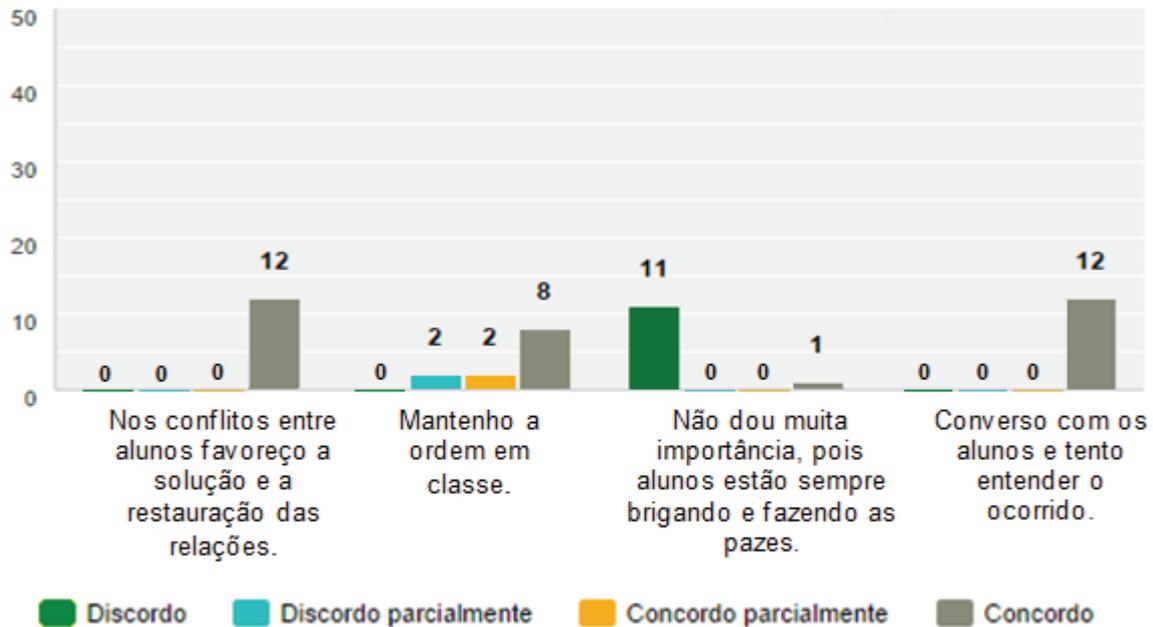
Professor K: *“Aberta e afetiva”.*

Professor L: *“Foi construída num contexto de respeito, atenção e reciprocidade, se constituindo no dinamismo de colaboração e aprendizados”.*

Diante disso podemos observar que os professores buscam manter com seus alunos uma relação de amizade, respeito e confiança. Apoiados pela motivação dos professores aprender torna-se mais gratificante para os educandos. Como nos ensina Paulo Freire “O clima de respeito que nasce em relações justas, sérias, humildes generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”. (FREIRE, 1996, p.56-57). A relação professor-aluno é essencial para a educação, essa boa convivência eleva a autoestima dos educandos proporcionando-os segurança na aquisição de novos conhecimentos.

O gráfico 11 explicita os resultados da oitava questão, onde questionou-se os professores como eles reagem numa situação de conflito entre alunos.

**Questão 08** – Numa situação de conflito entre alunos eu...



**Gráfico 11.** – Comportamento do professor numa situação de conflito entre alunos.

**Fonte** – Pesquisa de campo

Ao analisar o gráfico 11 percebe-se que os professores procuram favorecer a solução para o conflito e a restauração das relações. Concordam que matêm a ordem em classe; discordam que não se deve dar importância para as brigas dos alunos e nas situações de conflito conversam com os alunos para entender o ocorrido.

Sendo assim percebemos que numa situação conflituosa os professores buscam compreender o ocorrido para solucionar o problema e harmonizar as relações. O professor não pode omitir-se aos problemas enfrentados pelos seus alunos, ainda mais se for uma situação de violência, pois o professor deve orientar seus alunos a resolver os seus problemas e servir de exemplo para eles.

A segunda questão subjetiva foi a questão nove, na qual perguntou-se aos entrevistados se teriam um relato para nos contar que já aconteceu em sua sala de aula ou em sua escola sobre uma ou mais dessas opções: exclusão, inclusão, solidariedade, preconceito, violência. De todos entrevistados, apenas oito compartilharam conosco um relato que ocorreu com eles.

Professor A: *“Sim, preconceito entre eles com cor um do outro, se mais escuro, eles não se aproxima do colega, isto é uma forma de preconceito”.*

Professor B: *“Sim O aluno A tirou o ioiô do aluno B e escondeu na bolsa de outra aluna, para que ela fosse acusada. Quando o aluno B percebeu a falta do brinquedo informou a professora (que tinha visto o aluno A tirar o brinquedo do colega) então a professora anunciou para turma que a referida aluna não era culpada e que tinha visto quem foi, pediu para o aluno no final da aula confessar para ela e se desculpar. Assim ao terminar a aula o aluno A disse que foi ele e pediu desculpa prometendo nunca mais fazer isso de novo.”*

Professor C: *“Sim, tive um aluno homossexual que sofria preconceito na sala de aula, aproveitei a oportunidade e fiz um trabalho sobre gentileza com os amigos onde trabalhamos sobre as diferenças, o respeito ao próximo e alcancei o objetivo”.*

Professor D: *“sim, quando recebi dois irmãos e um deles é um deficiente físico com um dos braços amputados , isso chamou a atenção deles então chamei os a frente apresentei-os e dei uma aula sobre preconceito pois eles não queriam sentar junto do colega”*

Professor E: *“Sim, Já presenciei preconceito de gênero entre alunos, com violência verbal, através de xingamentos e gestos”.*

Professor F: *“Sim, Aconteceram vários conflitos entre alunos nos quais podemos destacar alunos envolvidos com drogas, problemas afetivos, desigualdade social e casos de bullying”.*

Professor G: *“sim, são muitas, dessas e doutras áreas. Mas uma das mais recentes foi o caso de um aluno que sofreu bullying em sala por ser negro e gordo. Todos da sala sempre retornam a discriminá-lo por isso”.*

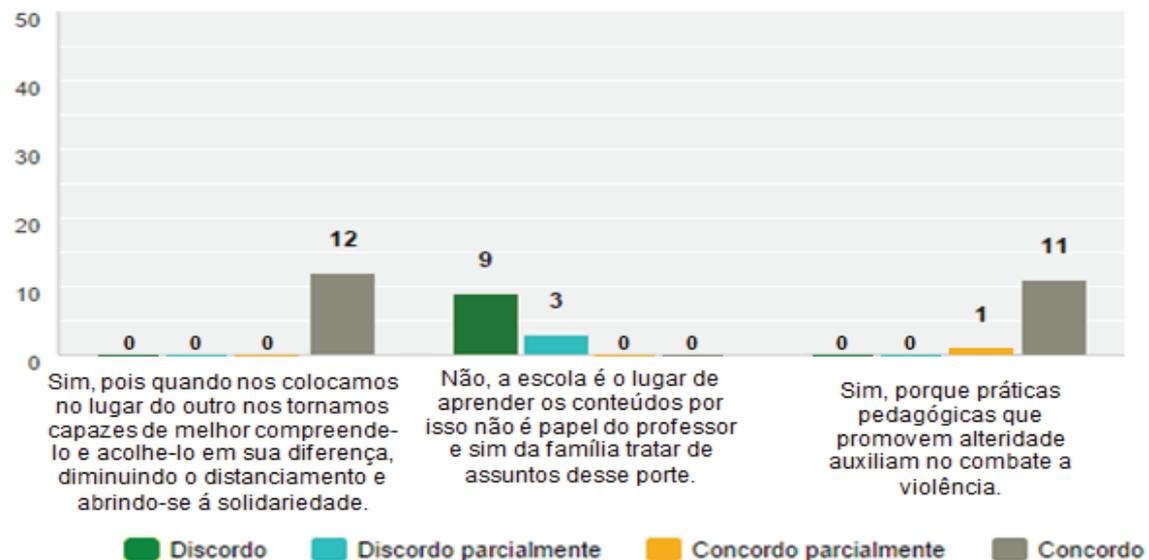
Professor H: *“Sim, a indisciplina entre os alunos percebida nitidamente na escola, gerou fatos que desnorteiam a ordem coletiva. A atitude da direção da escola foi simplesmente excluir os alunos "autores do delito", alegando que, assim ficaríamos livres dos mesmos e que estes estavam dando muito trabalho na escola há muito tempo. Considero então este fato como uma atitude clara e evidente de exclusão escolar, já que este não é o papel da escola”.*

A partir dos relatos dos professores podemos observar que casos de violência, exclusão, preconceito, bullying etc. são muito frequentes nas escolas. Alguns professores reagiram aos conflitos aproveitando a situação para tratar do problema na sala através de uma aula. Outros apenas relataram o problema ocorrido talvez por não terem tentado buscar solução para o problema ou ainda não saber como agir diante dele. O relato do professor H afirma que a indisciplina de alguns alunos foi solucionada pela direção da escola através da expulsão dos mesmos, o que o entrevistado considerou como exclusão escolar.

Por causa da frequência com que ocorrem os variados tipos de violência corre-se o risco de naturalizar o problema, é aí onde mora o perigo, pois isso diminui a importância do acontecimento e dificulta o enfrentamento e a superação do problema.

O gráfico 12 apresenta os resultados para a pergunta sobre as práticas pedagógicas que podem promover a alteridade.

**Questão 10** – Você certamente já ouviu falar em Alteridade, você acredita que práticas de alteridade auxiliam na construção de uma sociedade mais humana e solidária a partir da educação?



**Gráfico 12.** – Sobre práticas pedagógicas que promovem alteridade.

**Fonte** – Pesquisa de campo

Analisando o gráfico 12, observa-se que os professores acreditam sim que práticas de alteridade auxiliam na construção de uma sociedade mais humana e solidária a partir da educação, pois quando nos colocamos no lugar do outro nos

tornamos capazes de melhor acolhe-lo em sua diferença; discordam que a escola é um lugar de apenas aprender os conteúdos e de que não cabe ao professor, mas aos pais tratar de assuntos desse porte; ainda concordaram que práticas que promovem a alteridade auxiliam no combate a violência.

Diante dos resultados, pode-se observar que os professores acreditam que pressupostos como, tolerância, alteridade, respeito, devem ser trabalhados na sala de aula para que a educação alcance meios de vencer a violência visando a construção de um mundo melhor com relações mais humanas e solidárias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alteridade mostrou-se essencial para as relações interpessoais fora e dentro da escola. É preciso que recordemos que não está em jogo apenas o direito dos indivíduos à educação, mas à autoestima e ao prazer de aprender em sala de aula bem como o auxílio no desenvolvimento moral que possibilita a formação integral do cidadão. Essa boa convivência em sala de aula, só poderá ser desenvolvida a partir de relações mais justas e igualitárias.

Diante dessas perspectivas cabe ao educador acolher os seus alunos, conseguindo enxergá-los como outro, como um rosto que interpela que pede ajuda, em que “ignorá-los, ser indiferente, significa entrar no campo da imoralidade” (BAPTISTA, 2005, p. 118). O educador enquanto adulto de referência deve sempre refletir sobre suas práticas para melhor orientar seus alunos.

Acredita-se que através da boa convivência com os alunos, de mostrar-nos preocupados com eles, ao procurar conhecer e compreender o outro, ao respeitar as diferenças, favorecer um ambiente acolhedor, estamos desenvolvendo uma pedagogia mais humana que privilegia o cuidar e o educar em sua inseparabilidade.

Nossa reflexão também requer apresentar as "duas dimensões fundamentais e inseparáveis da paz. Elas correspondem, respectivamente, à articulação da 'ética e do rosto' e à intriga do 'terceiro e da justiça' ambas óticas do pensamento da alteridade" (RIBEIRO JÚNIOR, 2011, p. 75). Da educação, na atualidade, é preciso emergir uma ação ética, movendo os seres humanos, pela sabedoria da paz e da justiça social.

Está claro que não é mais possível ignorar o fato que as instituições educativas precisam estar atentas a importância de uma educação mais solidária em que nossos educandos sejam capazes de se colocar no lugar do outro, de compreendê-lo de aceitar as diferenças e romper com a violência tão fortemente disseminada nos espaços sociais em suas variadas formas, e que está na hora de nós, como educadores, fazermos, sem ingenuidade, um esforço para alcançar novas práticas educativas.

Práticas essas que valorizam o ser humano como outro, preocupando-se com as relações desse outro com os seus terceiros, enfim, sua atuação perante a sociedade. Acredita-se também que o cuidado desempenha papel importante na educação para a alteridade, pois, o cuidado nasce do contato com o outro, é experimentado na convivência social que “se constitui na aceitação, no respeito e na confiança mútuos, criando assim, um mundo comum” (MATURANA, 1998, p.97). Pretende-se que a escola seja vista como *mundo comum* onde os interesses dos educadores e educandos se encontrem, onde todos sejam reconhecidos e considerados, onde o autoritarismo seja substituído pela capacidade de convivência democrática, autonomia no lugar de submissão, respeito no lugar de obediência, a cooperação no lugar da indiferença, lugar em que a crise seja compreendida como momento propício de reflexão.

Com a pesquisa podemos observar que os professores percebem e sentem o problema da violência na escola, acreditam que um ambiente acolhedor é favorável para a aprendizagem, que o educador tem responsabilidade social com a formação moral do educando, entendem que o professor precisa conhecer a realidade de seus alunos e que é necessário manter um bom relacionamento com os educandos através do diálogo e de práticas de alteridade buscando enfrentar a violência.

Mas apesar disso os professores não sabem ao certo como lidar com situações conflituosas e como trabalhar com assuntos transversais como a solidariedade e a tolerância. É preciso existir um reconhecimento dos problemas enfrentados na escola seguido de um diagnóstico para então haver um planejamento e posteriormente sua execução.

É preciso educar o ser baseado na tolerância, a escola deve privilegiar discussões de temas como, por exemplo, multiculturalismo, reconhecimento e respeito às diferenças, é preciso educar para a convivência.

Faz-se necessário instigar os educandos a imaginar como pode se tornar a sociedade futura se não for dada devida importância e se não nos esforçarmos para vencer a crise humana atual em que o ter tem maior relevância do que o ser, onde o individualismo crescente nos afasta e pior nos torna intolerantes. Mas não é apenas imaginando o futuro que conseguiremos mudá-lo e sim, trabalhando para que a mudança ocorra.

Por fim, acredita-se que a mudança se dá do micro para o macro, a partir do trabalho individual, do professor com sua turma, para que possa se estender por toda escola, por toda comunidade e em consequência, na sociedade. E desta forma, gerar um ciclo vicioso positivo, onde a escola se reflete na sociedade e a sociedade se reflete na escola.

## 6. REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Isabel de Carvalho. **Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação á razão pedagógica**. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>. Acesso em: 17 Set. 2014.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Ana Maria. **Educação para a paz segundo Paulo Freire**. Revista Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2, p.387-393, Maio/Agosto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

INCONTRI, Dora. **A Educação Segundo o Espiritismo**. São Paulo: Comenius, 2004.

KRUG, Eg et al. **Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde**. Genebra, Suíça: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

\_\_\_\_\_MILANI, Feizi Masrour. Cultura de paz X violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, F.M; JESUS, R.D.P (orgs.) **Cultura da Paz: estratégias, mapas e bússolas**. Salvador: INPAZ, 2003.

MELO, Edvaldo Antônio de. **O rosto como fonte originária do sentido ético em Levinas**. 2001. 40 f. TCC (Graduação em Filosofia) – PUC-Minas, Departamento de Filosofia e Teologia, Belo horizonte, 2001.

REGO, Teresa Cristina, Vygotsky - **Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. São Paulo, 1995: Vozes.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. Ética e alteridade: a educação como sabedoria da paz. In: **Filosofia, ética e educação: Por uma cultura da paz**. São Paulo: Paulinas, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, Terezinha Azevedo. **Compreender e ensinar por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

SALLA, Fernanda. **Tem clima para aprender?** Nova escola, São Paulo, n.266, p.37- 43, Out. 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros"**. Florianópolis: Ponto de vista, 2003.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2007.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: Questionário aplicado aos professores.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

#### QUESTIONÁRIO APLICADO COM PROFESSORES

*Este questionário faz parte de um trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo título é: A alteridade como critério para cuidar e educar no ensino fundamental. Ele constitui um componente curricular do curso de Especialização em Fundamentos da Educação da Universidade Estadual da Paraíba. O referido questionário pede respostas sinceras para produzir frutos sobre alteridade no ensino fundamental. Suas informações são de extrema importância para o enriquecimento e valorização deste trabalho. Sendo que as informações prestadas terão tratamento ético adequado. Portanto, não é necessária nenhuma identificação pessoal.*

**Muito obrigada pela sua colaboração!**

Data:    /    /

#### Perfil do Professor

1. Qual é sua idade? \_\_\_\_\_
2. Sexo (    ) Feminino    (    ) Masculino
3. Disciplina (s) que leciona? \_\_\_\_\_
4. Quais os anos/séries você leciona? Qual sua formação?

**Questionário**

<b>1. RESPONSABILIDADES DO EDUCADOR</b>				
<b>1.Discordo 2. Discordo parcialmente 3. Concordo parcialmente 4.concordo</b>				
O educador tem apenas responsabilidade em passar os conteúdos para seus alunos, seguindo o currículo e a proposta da escola.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
O educador tem responsabilidade social com a formação moral do aluno, para que o aluno se torne um cidadão crítico e ativo na sociedade.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
A responsabilidade do educador é a de ensinar seus alunos a aprender.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
O educador tem responsabilidade de ajudar seus educandos a potencializar seus conhecimentos e aptidões.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

<b>2. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR RESPONSÁVEL?</b>			
<b>1.Pouco responsável 2. Responsável 3. Muito responsável</b>			
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	

<b>3. COM O SISTEMA CAPITALISTA OPERANTE E O MERCADO DE TRABALHO CADA VEZ MAIS COMPETITIVO NOSSA SOCIEDADE ESTÁ CADA VEZ MAIS INDIVIDUALISTA. DE QUE FORMA ISSO PODE INFLUENCIAR NA EDUCAÇÃO DE NOSSAS CRIANÇAS?</b>				
<b>1.Discordo 2. Discordo parcialmente 3. Concordo parcialmente 4.concordo</b>				
Influencia negativamente à medida que o individualismo afasta as pessoas e acarreta no egoísmo, podendo tornar os educandos incapazes de se colocar no lugar do outro e com isso gerar a violência.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Influencia positivamente, pois a competitividade prepara as pessoas para o mercado de trabalho.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Não influencia.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

<b>4. VOCÊ ACREDITA QUE O PROFESSOR DEVE EDUCAR TAMBÉM PARA AFETIVIDADE?</b>				
<b>1.Discordo 2. Discordo parcialmente 3. Concordo parcialmente 4.concordo</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

<b>5. EM SUA OPINIÃO, QUANDO O PROFESSOR CONHECE SEUS ALUNOS (SUAS HISTÓRIAS DE VIDA) DIALOGA COM ELES, ISSO PODE INFLUENCIAR DE FORMA POSITIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ALUNO?</b>				
<b>1.Discordo 2. Discordo parcialmente 3. Concordo parcialmente 4.concordo</b>				
Não. Porque o professor não pode misturar a vida pessoal com a profissional.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Sim, pois quando o professor conhece seus alunos pode fazer um trabalho individual com eles, partir de seus conhecimentos prévios para novas aprendizagens.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Sim, mas o professor deve ter cuidado para não ser confundido com um amigo.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Quando o professor escuta as opiniões dos seus alunos estes se sentem importantes e parte do processo de ensino-aprendizagem.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

<b>6. A SALA DE AULA DEVE SER UM AMBIENTE ACOLHEDOR.</b>				
<b>1.Discordo 2. Discordo parcialmente 3. Concordo parcialmente 4.concordo</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

**7.COMO É SUA RELAÇÃO COM SEUS ALUNOS?**

---



---



---

<b>8. NUMA SITUAÇÃO DE CONFLITO ENTRE ALUNOS EU...</b>				
<b>1.Discordo 2. Discordo parcialmente 3. Concordo parcialmente 4.concordo</b>				
Nos conflitos entre alunos favoreço a solução e a restauração das relações.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Mantenho a ordem em classe.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Não dou muita importância, pois alunos estão sempre brigando e fazendo as pazes.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Converso com os alunos e tento entender o ocorrido.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

**9.VOCÊ TERIA UM RELATO PARA NOS CONTAR QUE JÁ ACONTECEU EM SUA SALA DE AULA OU EM SUA ESCOLA SOBRE UMA OU MAIS DESSAS OPÇÕES: EXCLUSÃO, INCLUSÃO, SOLIDARIEDADE, PRECONCEITO, VIOLÊNCIA?**

Não.

Sim. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

<b>10. Você certamente já ouviu falar em Alteridade, você acredita que práticas de alteridade auxiliam na construção de uma sociedade mais humana e solidária a partir da educação?</b>				
<b>1.Discordo 2. Discordo parcialmente 3. Concordo parcialmente 4.concordo.</b>				
Sim, pois quando nos colocamos no lugar do outro nos tornamos capazes de melhor compreendê-lo e acolhê-lo em sua diferença, diminuindo o distanciamento e abrindo-se à solidariedade.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Não, a escola é o lugar de aprender os conteúdos por isso não é papel do professor e sim da família tratar de assuntos desse porte.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Sim, porque práticas pedagógicas que promovem a alteridade auxiliam no combate a violência.	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>